

Elementos sobre a concepção de Meia-Idade, no processo de envelhecimento humano

*Elements about the Middle Age conception, in the
human Aging process*

Priscilla de Cesaro Antunes
Ana Márcia Silva

RESUMO: Este ensaio visa a apresentar elementos que contribuam no entendimento da concepção da Meia-Idade, conceito que diz de um momento de vida mais específico dentro do intervalo chamado idade adulta. Discute evidências de uma simplificação conceitual com tendência à homogeneização de comportamentos, condições e necessidades dessas pessoas, além de indicações sobre o trato com categorias geracionais e uma possível conceitualização. Problematisa a ênfase na aparência corporal na contemporaneidade, diante da negação do envelhecimento.

Palavras-chave: Meia-Idade e Envelhecimento; Geração; Corpo.

ABSTRACT: *This essay intends to show elements that contribute to the understanding of middle age conception, a specific moment of life, into the interval named adult age. It discusses evidences of a conceptual simplification with a tendency of behavior homogeneity, conditions and necessities of these people, besides indications about the treatment of generational categories and a possible conceptualization. It problematizes the emphasizing of body appearance in the contemporaneity, on the denial of aging.*

Keywords: *Middle Age and Aging; Generation; Body.*

Considerações iniciais

Este ensaio visa apresentar elementos que contribuam no entendimento da concepção da Meia-Idade, conceito que expressa um momento de vida mais específico do ser humano dentro do intervalo chamado idade adulta, inserido no processo de envelhecimento humano.

Temos identificado que essa temática é recente e pouco explorada como demonstra a escassa produção acadêmica, parecendo constituir mesmo uma lacuna em estudos nos diferentes campos de conhecimento. Em contraste, constatamos um crescente e intenso interesse científico pelos estudos do envelhecimento humano pós-sessenta anos.

Em pesquisas que enfocam esses momentos da vida, no entanto, evidenciamos uma tendência à homogeneização de comportamentos, condições e necessidades das pessoas adultas, ou entendimentos mais simplistas, demarcando este momento da Meia-Idade, por exemplo, apenas pela idade cronológica. Neste sentido, consideramos a necessidade de superação de tais visões predominantes, ao passo que também reconhecemos os desafios colocados no estudo desses fenômenos.

Buscamos apoio em autores dos campos das Ciências Humanas e Sociais, nomeadamente Sociologia das Gerações e Psicologia do Desenvolvimento¹, e da Educação Física². Tais autores trouxeram contribuições, ao mesmo tempo em que apresentaram certo consenso no que se refere à escassez de referenciais teóricos para dar suporte a estudos com adultos em geral, incluindo pessoas na meia-idade.

Na Sociologia, Sousa (2008, p. 3) argumenta que não há uma “estrutura teórica organizada sobre o estudo social da adultez. Se é com alguma facilidade que se encontra uma bibliografia extensa sobre o tema da infância, da adolescência, da juventude e do idoso, o mesmo não se passa em torno do conceito de adulto”. A mesma autora, em outro texto, indica uma lacuna de estudos sociológicos sobre essa fase e que a bibliografia existente trata de formação de jovens e adultos, majoritariamente (Sousa, 2004).

¹ Optamos por estes dois campos de conhecimento em virtude de a Psicologia ter sido historicamente precursora no estudo da idade adulta e ser, por excelência, fonte de referência para a construção da Sociologia do Adulto. Mesmo assim, não descartamos, neste trabalho, as contribuições de estudos da Antropologia e da História, que nos auxiliaram a compreender como é concebida a evolução humana do nascimento à morte em diferentes culturas.

² A Educação Física é o campo acadêmico que dá origem ao interesse por este estudo, em que se situam as autoras deste artigo, campo este que apresenta contribuições interessantes acerca dos estudos do corpo, entre outras temáticas.

Domingues (2002, p. 2) indica que o tema da juventude tem destaque no campo das Ciências Sociais, “porém a ‘Terceira Idade’ acabou por assumir igualmente relevância para discussão, com pouco interesse tendo sido por ora despertado por outras etapas do ciclo da vida”. Esse autor apresenta uma hipótese para justificar por que isso tem acontecido. Para ele, a juventude e a terceira idade são as faixas que contornam os vazios que os fenômenos típicos da fase adulta madura normalmente preenchem, uma vez que, nestas, a entrada no mercado de trabalho ainda não se realizou ou então o êxito deste momento já passou:

O cidadão trabalhador colocado no mercado de trabalho (se bem que hoje o desemprego decerto ofereça problemas crescentes e peculiares) e pai de família bem como a dona de casa casada e com filhos – ou seja, adultos jovens ou de meia-idade – não apresentavam problemas que merecessem ser estudados com foco particular (Domingues, 2002, p. 18).

Barros (1998) afirma que, até 1960, praticamente não havia um estudo sociológico importante sobre o envelhecimento, sendo que a literatura sobre o assunto estava relacionada às áreas da Medicina e da Biologia. No que tange à temática da idade adulta, consta que, mesmo pouco, ela tem despertado mais interesse a partir da década de 1990 (Sousa, 2008).

Oliveira (2004, p. 9), por sua vez, destaca que a Psicologia não tem sido capaz de formular, de modo satisfatório, uma Psicologia do Adulto, ainda que há algum tempo esteja problematizando esta fase da vida:

As teorias psicológicas são menos articuladas e complexas quanto mais avançamos no processo de desenvolvimento da pessoa: sabemos muito sobre bebês, bastante sobre crianças, menos sobre jovens e quase nada sobre adultos.

A autora chega a afirmar que, quanto mais novo é o sujeito, mais fácil compreender o ciclo de vida em que ele se encontra, porque há menos peso da cultura e porque as pessoas se assemelham mais quanto mais próximas de sua origem animal.

Nos Descritores da Saúde (DeCS), encontramos definições baseadas exclusivamente em determinantes cronológicos, em que o descritor “adulto” foi definido como “Uma pessoa que atingiu crescimento total ou maturidade. Adultos vão

dos 19 até 44 anos de idade“ e “meia-idade”, como idade entre “45-64”. Nesta mesma lógica, a classificação etária proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), considera na meia-idade pessoas com 45 a 59 anos³.

Gonçalves, Duarte e Santos (2001) e Duarte, Santos e Gonçalves (2002, p.37) afirmaram que “os estudos na área de educação física, relacionados à meia-idade, são incipientes”. Para Santos e Knijnik (2006, p.24) “a meia-idade tem sido pouco abordada nos estudos (...), os quais têm dado muita ênfase à terceira idade”.

Sousa (2008, p.3) afirma que o estudo da vida adulta encontra-se “inscrito numa bruma e na marginalidade porque exige um exercício de desconstrução para conceber o adulto fora da sua ‘normalidade’ ou mesmo de sua ‘banalidade’”. Estudar a meia-idade, nesse sentido, implica em questionar antigas certezas que afirmam esse momento da vida como uma idade sem problemas, marcada pela estabilidade familiar, profissional e financeira, a partir de um conceito estático e linear.

Nesse sentido, este texto objetiva apresentar elementos sobre o conceito de meia-idade, a partir de diálogos com a literatura acadêmica, na tentativa de se aproximar desse fenômeno e explicitá-lo teoricamente.

Pressupostos para o estudo de categorias de idade

Sendo a meia-idade um termo derivado de uma categoria de idade, iniciaremos tecendo algumas considerações sobre aspectos gerais da passagem dos indivíduos pelos ciclos da vida na existência humana, em um modo de vida tipicamente urbano, ocidental e em torno dos estratos da classe média.

O ser humano, a partir do momento em que nasce, inicia seu processo de envelhecimento e de passagem por várias fases do ciclo da vida, como ser biologicamente enraizado e sócio-historicamente construído. As transições que ocorrem ao longo deste complexo processo inserem-se em processos mais amplos de mudança social, dos quais são parte e para os quais contribuem.

Ainda que a evolução possa ser compreendida como uma característica que o ser humano compartilha com outras espécies, é necessário frisar que ele se diferencia pelo seu pertencimento mútuo a ambos os universos, o da natureza e o da cultura.

³ Mencionamos o DeCS e a OMS por serem duas instituições que balizam e organizam os estudos no campo da Saúde, ou seja, autores deste campo frequentemente buscam definições para seus estudos nestas referências.

Antunes, P.de C. & Silva, A.M. (2013, setembro). Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), pp. 123-140. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

Concordamos com Souza (1997) quando critica algumas teorias da Psicologia do Desenvolvimento que abordam a evolução humana numa perspectiva darwinista e a partir de uma noção de tempo linear, cumulativo, homogêneo e vazio⁴. Desse ponto de vista, as fases do ciclo da vida não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o avanço da idade cronológica (Debert, 1998).

Quando tomamos a periodização da vida em categorias de idade, entendemos que é preciso levar em conta duas questões fundamentais: a não-naturalidade das categorias de idade e a concepção de que elas são construções históricas e sociais. Isso não significa negar o ciclo biológico da vida, mas considerar como cada momento deste ciclo é vivenciado simbolicamente ao longo da história e em diferentes culturas e sociedades.

Outro ponto que precisa ser considerado no estudo de categorias de idade é o fato de que não é possível conceber as fases da vida como homogêneas, uma vez que vivemos uma intensa pluralização dos estilos de vida e identidades na Modernidade. Neste âmbito, encontramos diferentes formas de viver cada fase da vida e também diferentes formas de viver no interior de uma mesma fase da vida. É por isso que hoje se fala em infâncias, juventudes, velhices, no plural (Arroyo, 2004).

Mesmo assim, Magro (2003, p.45) alerta que, apesar das dificuldades em cercar essa pluralidade, a periodização da vida

não deve ser negada ou relativizada, tendo em vista a importância dessa divisão de grupos de idade na organização da sociedade em que vivemos. A compreensão da relação entre grupos de idade e a constituição da identidade etária pode ser um ‘material privilegiado’ para uma reflexão da produção e reprodução da vida social.

Domingues (2002), em artigo que visou a rever a literatura sociológica e antropológica sobre o tema das gerações, defende uma abordagem das gerações que escape do equívoco da homogeneização e que permita uma visão capaz de contemplar a heterogeneidade, o descentramento e a interatividade das gerações de idade, sem deixar

⁴ Souza (1997, p.44) atenta que “a característica marcante das teorias do desenvolvimento, do século XIX em diante, é se constituírem como saberes que engendram conceitos universalizantes e abordagens teleológicas que demarcam a natureza e o lugar social dos sujeitos, segundo estágios ou etapas unidirecionais de desenvolvimento, ou segundo sua idade cronológica”. Segundo Facci (2004), para compreendermos a vida humana, do ponto de vista da Psicologia do Desenvolvimento, uma abordagem mais adequada seria a histórico-cultural ou social-histórica, que supera explicações do desenvolvimento humano baseadas em modelos mecanicistas ou organicistas e aponta para uma visão historicizadora do psiquismo humano, tendo por base fundamentos marxistas. Estes fundamentos enfatizam que mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na consciência e no comportamento humano.

de lado seu substrato material, inclusive biológico. Segundo ele, “a vida social é tecida e se constitui como uma rede interativa, multidimensional, na qual atores individuais e coletividades se influenciam de forma mútua causalmente” (Domingues, 2002, p.68). Além disso, este autor propõe dimensões analíticas importantes que ajudam a compreender o conceito de geração: as dimensões, material e hermenêutica, e as questões do poder e do espaço-tempo.

A dimensão material refere-se à materialidade do corpo e à sua capacidade específica de apropriação de recursos materiais. Nela, a idade costuma ser um elemento básico para a caracterização das gerações. Para Veiga-Neto (2000, p. 228), a atribuição de uma idade a um indivíduo está – sempre e necessariamente – presa à materialidade do corpo:

ao conjunto indissociável das características e propriedades de um corpo de carne e osso, de um corpo biológico que tem a sua genética própria e única, que teve e que terá a sua história própria e única, que se inseriu em tais ou quais práticas.

A dimensão hermenêutica é o universo simbólico – cognitivo, normativo, expressivo - dentro do qual e a partir do qual as gerações se constituem. Os padrões etários são mediados pela dimensão hermenêutica dos sistemas sociais, de diferentes experiências e identidades.

Essa dimensão leva em conta que a evolução da vida é afetada pela classe social, pelo gênero, pela raça, pelo grupo profissional, pela cultura e demais determinantes, os quais, inclusive, influenciam para um encurtamento ou prolongamento da vida. Conforme as condições de vida, cada pessoa tem maior ou menor possibilidade de conservação da saúde, aquisição de cultura e fruição dos bens, serviços e possibilidades de bem-estar social e individual.

Um homem de classe mais abastada pode ter 50 anos cronologicamente, mas sua idade biológica pode ser de 45 ou menos, se ele utiliza os meios de que dispõe para conservar sua saúde. Assim como pode ser considerado jovem como acontece com muitos atores e atrizes e galãs de cinema que com essa idade fazem papéis de jovens enamorados; ou esportistas, políticos, ou empresários, em plena vitalidade e atividade. Ao contrário, um trabalhador assalariado de 50 anos, no meio rural, pode ter biologicamente idade muito avançada,

devido ao desgaste produzido pela vida e o trabalho adverso, assim como socialmente já é considerado um velho trabalhador sem força e capacidades produtivas (Magalhães, 1989, p.18).

Além das dimensões, material e hermenêutica, intimamente relacionadas, para aquele autor é preciso considerar que uma fase da vida existe em relação à outra. Neste ínterim, está presente também a questão do poder, ou seja, a capacidade de uma geração influir sobre a outra. Assim, enquanto coletividades com poder variável em função de seus processos internos, “é necessário percebê-las como capazes de dirigir ou mesmo impor umas às outras, e a outras subjetividades coletivas, cursos de movimento que se conformem com o que almejam” (Domingues, 2002, p.80). Isso pode ser produzido de forma organizada e intencional, pela forma de ações individuais ou pela forma de manifestações de grupos dentro da geração.

Os adultos, ou mesmo os velhos, por razões institucionais e culturais, possuem mais poder dentro de um grande número de sociedades. No que diz respeito à nossa (sociedade ocidental moderna), Gusmão (2003, p.25) afirma que vivemos em uma ordem social “adultocêntrica”, que menospreza a criança e o jovem porque ainda não são adultos e o velho porque deixou de ser adulto. Pauta-se na ideia de que um dos valores em voga é a produtividade e é o adulto que o detém; portanto, esta é a fase da vida que interessa ao capital mais diretamente.

Na sociedade, pode-se compreender que a periodização da vida em quatro estágios principais (velhice, idade adulta, juventude e infância) é uma necessidade para garantir uma determinada organização e controle social. Para Magro (2003), na sociedade capitalista, a infância e a juventude foram criadas (e junto delas a escolarização), com o intuito de atender a necessidade de existência de seres em formação para o exercício de uma mão-de-obra especializada, que produza e dê lucros. O adulto deve ter uma especialização e ser produtivo, além de estar apto para consumir bens. Ainda, para que o mercado de trabalho esteja sempre aberto para o adulto produtivo, é preciso que se afastem dele aqueles que começam a envelhecer. Daí, o surgimento da aposentadoria e, junto dela, a velhice. Essas considerações vão ao encontro do “ciclo ternário da vida”, composto pelos períodos de formação, produção e inatividade, constituídos após o advento e expansão da aposentadoria (Magalhães, 1989, p.17).

Por fim, há que ser considerado que a passagem pelos ciclos da vida ocorre em espaços concretos, nos quais o tempo é uma variável. Nesse contexto, dados biológicos como sexo e idade servem de classificação dos indivíduos no espaço social. A elaboração de critérios de enquadramento, em geral, “está associada ao aparecimento de instituições e agentes especializados que encontram nestas definições a força motriz e o fundamento de sua atividade” (Gaglietti & Barbosa, 2007, p.139). Assim, estes princípios de classificação não têm sua origem na “natureza”, mas num trabalho social de produção e de reprodução das populações, os quais têm a ver com a diversidade de papéis a serem ocupados em uma determinada organização social.

Elementos sobre a concepção de meia-idade

Considerando a inter-relação apresentada entre as dimensões material, hermenêutica, do poder e do espaço-tempo, partimos da definição de que a idade “é tudo aquilo que levamos conosco, que herdamos ao nascer e vamos criando enquanto vivemos, a partir do que o mundo nos diz e tal como se nos apresenta” (Gusmão, 2003, p.28).

Inicialmente, atentamos para o fato de que falar de meia-idade pressupõe entender que esta fase da vida implica especificidades, heterogeneidade e complexidade. É supor que ser adulto não é um estado estante, mas algo que experimenta a mudança conforme o contexto histórico e social em que está inserido. É considerar que existem múltiplas formas de viver a meia-idade e, portanto, nossa tentativa neste texto não é a de enquadrar a concepção de meia-idade em uma visão monolítica, mas apresentar elementos que subsidiem uma compreensão mais próxima deste momento, necessária para que ele se consolide como objeto de atenção, investigação e intervenção política e social.

Sousa (2008), pesquisadora que se dedica à construção de uma Sociologia do Adulto, apresenta os conceitos de “adulto padrão” e “adulto inacabado”, referindo-se ao que é ser adulto desde o século XIX, período em que se estruturaram as categorias de idade. A vida, até meados do século XIX, não era dividida em categorias etárias. Segundo Freitas Silva (2008, p.2), as divisões se estabilizaram ao longo do século XIX e, no século XX, observou-se “maior uniformidade no interior dos grupos etários,

marcação razoavelmente precisa da transição entre diferentes idades e institucionalização de ritos de passagem, como o ingresso na escola e na universidade e a aposentadoria”.⁵

O conceito de “adulto padrão” predominou desde meados do século XIX até o final da Segunda Guerra Mundial. Este conceito remete para uma ideia de rotina e para a sociedade de produção, em que o adulto é marcado pela estabilidade financeira, familiar e profissional. É o adulto instalado, “sério” e “formal”, que segue ou tende a seguir um percurso mais ou menos pré-definido e linear e que projeta a longo prazo.

O conceito de “adulto inacabado” surgiu após a Segunda Guerra Mundial, em especial nos anos 1960 e 1970. Este conceito deixa de conceber o adulto como terminado e estático (“padrão”), para entendê-lo em contínuo processo de construção e desenvolvimento. O adulto, nesta perspectiva, prolonga tempos de experimentação, vive a instabilidade, a mobilidade profissional. É o adulto dos novos modelos conjugais e familiares, que projeta a curto e médio prazo e valoriza a sociabilidade com amigos, cuidados com a saúde, o corpo e a imagem.

Dentro desse conceito de adulto inacabado, a autora diferencia duas situações: a do adulto inacabado em perspectiva, ou seja, aquele que se permite viver a instabilidade, mas se desenvolve dentro dela, pois garante alguma segurança/direção; e a do adulto inacabado problema, do caos vocacional, vulnerável, perdido, sem referências.

A autora considera que as três definições acima (adulto padrão, inacabado em perspectiva e inacabado problema) co-existem no indivíduo e na sua forma de viver a idade adulta. Isso significa que se estabelece um paradoxo particular entre a representação tradicional e a moderna do que é ser adulto. É o que ela chamou de “adulto híbrido”. Estas colocações são importantes, pois nos auxiliam a compreender a meia-idade e como ela se coloca dentro deste intervalo maior chamado idade adulta.

Em pesquisa realizada com 1571 sujeitos, em Portugal, Sousa (2008) identificou interessantes características e elementos que auxiliam nesta compreensão. Dentre os sujeitos investigados, o grupo que valorizou a representação do “adulto padrão” foi, tendencialmente, aquele composto por sujeitos de idade entre 45 e 54 anos. Já o “adulto inacabado” foi valorizado, tendencialmente, por pessoas mais jovens, a partir de 25 anos.

⁵ Ariès (1998), ao apresentar o surgimento da “infância” como um período diferente da idade adulta com suas especificidades, inspirou estudos históricos sobre a construção da identidade de outras categorias etárias. Para Debert (1996), assim como este autor mostrou a emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta, vemos uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento.

Em grande medida, estes dados nos permitem observar algumas características de pessoas que se encontram na meia-idade, tais como: rotina, seriedade e formalismo, as quais permeiam a noção de trabalho como atividade principal desse momento, que vem seguida pela expectativa de estabilidade financeira, além da relação com cônjuge e filhos que, independentemente de residirem ou não na mesma casa, constituem a noção de família, também ela própria da meia-idade.

Estas observações vão ao encontro de um estudo realizado por Almeida e Cunha (2003), em que a fase adulta é tida como espaço da produtividade, do trabalho e da família. Além disso, ao adulto é conferido o papel de tutor, de referência para outras fases da vida, na medida em que é responsável pelos filhos e pelos pais.

Com relação ao aspecto do trabalho, ainda é preciso considerar algumas condições que, mesmo distintas, são especificidades da meia-idade: uma delas é a ideia de pico ou auge no emprego, em virtude dos anos de experiência dentro de uma mesma função; outra é a ideia de efetivação ou proximidade da aposentadoria.

Antunes e Schneider (2007, p.80) realizaram uma pesquisa com mulheres a partir de 45 anos, sendo a maioria da profissão “do lar”, e identificaram uma relação diferente delas com o trabalho. Segundo as pesquisadas, na meia-idade a mulher volta seu olhar para si, “uma vez que as situações com família e trabalho – que se configuram como as que mais demandam atenção antes disso -, parecem estar mais resolvidas com os filhos já crescidos e a aposentadoria mais próxima”. Além disso, ocorrem mudanças de um conjunto de fatores biopsicossociais que interferem nas diferentes esferas da vida conforme a história de cada uma.

As transformações marcantes no âmbito da vida que ocorrem no período da meia-idade são consenso na literatura de diferentes campos de conhecimento. Estas mudanças têm na corporalidade sua principal forma de manifestação e revelam um caráter ambivalente da meia-idade, onde as mudanças são entendidas ora como ganhos para a vida, ora como perdas, tanto na interpretação individual de quem as vivencia, quanto da sociedade.

Jorge (2005) caracteriza a meia-idade, por um lado, pela perda da energia física e da capacidade de locomoção, cansaço, fadiga, diminuição da força e falta de condicionamento físico. Por outro, ganhos como aumento de conhecimentos, experiência de vida e aprendizagem que acompanharão essa pessoa em sua velhice.

Este estudo vai ao encontro do que constataram Melo, Antunes e Schneider (2005), ao entrevistarem e observarem mulheres com mais de 45 anos. As autoras identificaram como resultado um entendimento da meia-idade referente a limitações de ordem física e perdas na parte estética; e ganhos, no sentido do amadurecimento que, na concepção das mulheres pesquisadas, trouxe mais segurança, sabedoria e tranquilidade.

Duarte, Santos e Gonçalves (2002) analisaram a noção de envelhecimento de participantes de meia-idade de dois grupos de práticas corporais. Os resultados destacaram que, para o grupo que praticava ginástica, o envelhecimento apareceu como sinônimo de desgaste, com reforço de expressões de dissociação corpo-mente. Para o grupo que praticava caminhada, ele foi tido como um processo natural, no sentido de normal, que ora é negativo (foram citadas questões de discriminação social e dependência, por exemplo) e ora é positivo (como com a possibilidade de transmissão da experiência para outras pessoas).

Na pesquisa de Jorge (2005), a autora ainda observou que os laços sociais se restringem na meia-idade - apesar de serem considerados de grande importância - com a realidade dos filhos já criados, a existência de casamento de muitos anos ou neste momento desfeito e a vontade de maior introspecção.

Sobre o último aspecto, Corazza (2005, p. 21) aponta que a espiritualidade ganha importância na meia-idade. Especialmente para as mulheres, é “a fase da consciência, da consolidação de nosso lugar no mundo. É comum nessa fase abandonarmos os valores aceitos por adequação social e elegermos nossos próprios valores”. A meia-idade, assim, se coloca como uma fase de pensar e repensar a vida, o que foi feito, a que foram dedicados os anos vividos até então. O evento da aposentadoria, por vezes, também detona este processo de avaliação da vida, uma espécie de “balanço” do que já aconteceu e de especulação e/ou planejamento do que está por vir.

Com relação aos homens, Trindade (2002) estudou a meia-idade masculina a partir dos eixos paternidade, sexualidade e projetos de vida. Ela destaca que as mudanças ocorridas na meia-idade se relacionam especialmente com a percepção do envelhecimento, da proximidade da fase adulta dos filhos e a competição com pessoas mais jovens no mercado de trabalho, que podem deflagrar a chamada “crise da meia-idade”. Tal crise, tanto pode levar a uma produtiva reflexão quanto a uma estagnação na vida humana.

Antunes e Silva (s/d.) analisaram artigos de periódicos brasileiros da Educação Física e não identificaram contribuições dos autores do campo que auxiliassem nesta

tentativa de compreender especificidades da meia-idade. Pelo contrário, uma das constatações foi que poucos dos artigos analisados demonstraram preocupação em compreender ou conceituar o que representa a meia-idade na vida das pessoas com as quais se propuseram a estudar.

Além disso, percebeu-se que há uma falta de reconhecimento da complexidade que caracteriza a fase adulta da vida como um todo e das especificidades dos momentos que a constituem, como é o caso da meia-idade. Os artigos denotaram uma espécie de homogeneização dos comportamentos, interesses, necessidades e condições das pessoas adultas e indicaram não só uma imprecisão conceitual, como uma concepção ontológica de difícil sustentação⁶. Independentemente do periódico em que foram publicados e das temáticas abordadas, os estudos predominantemente caracterizaram a meia-idade como um momento de alterações fisiológicas (decréscimos) no organismo que trazem prejuízos para a vida.

A meia-idade na contemporaneidade: apontamentos sobre a negação do processo de envelhecimento

A concepção de meia-idade, por vezes tida como pessimista, aponta para o envelhecimento do corpo e a proximidade da velhice. Sabe-se, porém, que o envelhecimento humano tem início no momento do nascimento e as mudanças corporais acontecem o tempo todo, ao longo da vida. Contudo, aquelas que se evidenciam, principalmente esteticamente, na meia-idade, não têm sido compreendidas/aceitas da mesma forma que outras, características de momentos anteriores, como na infância e na juventude. O aparecimento de rugas mais profundas e cabelos brancos, a redução de tonicidade da pele e da musculatura, alterações no peso e na mobilidade corporal, têm trazido uma série de implicações/transtornos para a vida de muitas das pessoas de meia-idade, uma vez que se observa na Modernidade uma negação do processo de envelhecimento.

Envelhecer na sociedade ocidental moderna, em que predominam os valores da produtividade, da velocidade, da superficialidade, da aparência física superestimada e

⁶ Identificamos que os termos utilizados nas pesquisas para fazer referência à meia-idade (vida adulta intermediária, adultos, adultos maduros, adultos velhos, homens, mulheres e masters) referiram-se a um largo intervalo de idades. Observamos, ainda, que as faixas etárias apresentadas variaram entre aproximadamente 18 e 60 anos, sendo que alguns estudos incluíram pessoas de até 94 anos.

Antunes, P.de C. & Silva, A.M. (2013, setembro). Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), pp. 123-140. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

do “culto ao corpo” (Sant’anna, 2001; 2000; Silva, 2001; Soares, 2004; Santos & Damico, 2009), “transforma essa experiência, que é um fenômeno biológico ‘inevitável’, em um fenômeno cultural da ordem do ‘indesejável’” (Moreira & Nogueira, 2008, p.59).

Tais valores sociais exaltam o imaginário de juventude e colocam ao corpo a exigência de parecer sempre jovem, sinônimo de bem-estar, saúde e beleza. Nesse contexto, a meia-idade não é só marcada pela ocorrência das mudanças corporais, mas também pela busca da reversão destas mudanças, inclusive no sentido de apagar as marcas do corpo que denunciam sua (meia-) idade e sua história de vida. Dentro desta lógica, vemos crescer a busca por programas de exercícios, cirurgias plásticas, tratamentos dermatológicos, dietas, uso de medicamentos antidepressivos, ansiolíticos e Terapia de Reposição Hormonal no combate à menopausa⁷.

Os discursos das técnicas e tecnologias de rejuvenescimento, incentivados pela mega-indústria da beleza, da nutrição e da saúde, regidas majoritariamente pela publicidade, são amplamente divulgados pelos meios de comunicação de massa, por meio de programas de rádio, televisão aberta, revistas e internet, abordando inclusive temas que levam a massificação de cirurgias plásticas, uma das formas mais radicais de intervenção sobre o corpo.

Dados da *Revista Veja*, de 17 de janeiro de 2001,⁸ apontam o Brasil como o maior consumidor mundial deste tipo de operação. No ano 2000, 350 mil pessoas se submeteram a, pelo menos, um procedimento cirúrgico com finalidade estética. O depoimento de um médico afirma que a explicação para o fenômeno reside na esfera do comportamento: “Nos países europeus não se vê um esforço de mulheres de 40 querendo parecer ter 30 (...) No Brasil, sim” (*Veja*, 2001, p.84). Segundo a reportagem, o maior grupo de pacientes que procura por este serviço é formado pelos que recorrem à cirurgia plástica como forma de lutar contra o processo de envelhecimento⁹.

No curso da vida, as regras sociais se organizam em torno de cronologias rígidas e organizam a vida dos indivíduos se impondo sobre características individuais e

⁷ Destaca-se, neste cenário, o programa desenvolvido pela grande empresa do mundo do *fitness*, a *Body Systems*, chamado *Body Vive*, criado especialmente para pessoas de 40 a 60 anos, além de outros anúncios de práticas corporais anti-idade que têm surgido de forma crescente ao lado de outros produtos *anti-aging* gestados em diferentes campos de conhecimento, como iogurte anti-rugas, cosméticos, maquiagens etc.

⁸ Matéria de capa: “De cara nova: com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica”.

⁹ Nas páginas 92 e 93, a reportagem apresenta um quadro com duas fotos do tipo “antes e depois” de uma senhora, com três colunas: a primeira indica as partes da face (da testa ao pescoço), a segunda “a devastação que o tempo provoca” e a terceira “o conserto que a medicina propõe”.

relações sociais específicas, movimento que é chamado de “institucionalização” ou “cronologização” do curso da vida. Entretanto, apesar de muitos acontecimentos dependerem fortemente da existência de definições cronológicas, como os sistemas educacionais e jurídicos, direitos políticos e sociais, aposentadoria, maioridade etc., as fronteiras geracionais se mostram manifestadamente mais fluídas e em princípio mais indeterminadas nas sociedades modernas (Domingues, 2002). A busca por estacionar a vida na juventude aparente marca um novo movimento, que vem sendo ativado recentemente, o movimento de “desinstitucionalização do ciclo vital” ou “descronologização da vida” (Debert, 1996).

A *Revista Veja*, de 19 de julho de 2009, dedicou uma reportagem especial ao tema “A Geração Sem Idade”, referindo-se ao novo fenômeno cultural no terreno do comportamento humano, propiciado pelo aumento da longevidade, quando as pessoas maduras cruzam as fronteiras entre as gerações e não apenas agem, mas se sentem como se fossem mais jovens. Esse fenômeno, batizado pelos americanos de *ageless* (em português “sem idade”), diz respeito a “homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atrelar à idade, mas à personalidade de cada um” (*Veja*, 2009, p.63).

Debert (1996, p.4) coloca que a publicidade, assim como os manuais de autoajuda e as receitas de especialistas em saúde “estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com esforço e trabalho disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada”. Para Moreira e Nogueira (2008), as práticas de intervenção corporal disseminam discursos que estimulam uma cultura do consumo, em que, para se alcançar uma imagem ideal, basta investimento de tempo e dinheiro voltados ao corpo. Ainda nesse sentido, Gomes (2008) aponta para existência dos “conselheiros modernos”, a mídia e a ciência, que se apropriaram do corpo numa perspectiva fundada a partir do seu culto, assim como de sua exploração no âmbito do mercado.

A fase da meia-idade é marcada pela convivência com uma expectativa social moderna de longevidade, como se fosse possível e como se fosse um dever a manutenção da juventude, estando esta condicionada apenas ao investimento do indivíduo no seu corpo, para poder retomar uma condição de produtividade, velocidade,

vigoresidade e aparência física, sinônimos de bem-estar, saúde e beleza na sociedade moderna.

Considerações finais

Consideramos importante que o âmbito científico esteja atento a elementos que aqui tentamos explicitar e que compõem o viver, e a reflexão sobre o viver, de pessoas na meia-idade. Considera-se que se há uma tendência nos estudos de discursos monolíticos, impessoais e homogeneizantes, a vida das pessoas de meia-idade é plural e corporalmente imbricada com a realidade social concreta. Daí, parece decorrer o desafio dos campos acadêmicos em apreender este fenômeno.

A partir da constatação de que esta temática vem sendo pouco explorada, observamos que há uma série de questões que não foram ainda pesquisadas. É necessário empreender esforços inicialmente na tentativa de compreender os fundamentos deste processo de negação do envelhecimento pelo qual passamos na atualidade. Ao que parece, o compromisso social do campo científico mais pertinente nestes tempos em que vivemos não está em buscar alternativas para a reversão do processo de envelhecimento, mas em criar condições para que este processo seja vivido com fruição, prazer e dignidade.

Referências

- Almeida, A. & Cunha, G. (2003). Representações Sociais do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 147-155.
- Antunes, P. & Silva, A.M. (s/d). A produção científica brasileira e a problematização acerca da meia-idade: um estudo a partir de periódicos do campo da Educação Física. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento* (no prelo).
- Antunes, P. & Schneider, M. (2007). Primeiras aproximações com o conceito de maturidade: um olhar a partir de uma realidade social feminina. In: Falcão, J.L.C. & Saraiva, M.C. *Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada*, 61-82. Florianópolis (SC): Lagoa Editora.
- Ariès, P. (1998). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Arroyo, M.G. (2004). Significados culturais dos tempos da vida. In: _____. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis (RJ): Vozes.

- Barros, M.L. (1998). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas.
- Corazza, S. (2005). *Mais jovem a cada dia: um programa completo de vitalidade para homens e mulheres*. São Paulo (SP): Prestígio.
- Debert, G.G. (1998). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, M.L. *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (1996). A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *XX Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu (MG). (GT Cultura e Política).
- DeCS. *Descritores em Ciências da Saúde*. Recuperado em 03 setembro, 2009, de: <http://decs.bvs.br/P/decswebp2008.htm>.
- Domingues, J. (2002). Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo social, Revista de Sociologia da USP*, 14(1), 67-89.
- Duarte, C.P., Santos, C.L. & Gonçalves, A.K. (2002). A concepção de pessoas de meia-idade sobre saúde, envelhecimento e atividade física como motivação para comportamentos ativos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 23(3), 35-48.
- Facci, M.G. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkorin e Vigotski. Campinas (SP): *Cad. Cedes*, 24(62), 64-81.
- Freitas Silva, L. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1).
- Gaglietti, M. & Barbosa, M.H. (2007). Que idade tem a velhice? Passo Fundo (RS): *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 4(2), 136-148.
- Gomes, I.M. (2008). *Conselheiros modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável*. Tese de doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gonçalves, A.K., Duarte, C.P. & Santos, C.L. (2001). Atividade física na fase da meia-idade: motivos de adesão e de continuidade. Porto Alegre (RS): *Revista Movimento*, 15, 75-88 (ano VII).
- Gusmão, N.M. (2003). Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In: _____. *Infância e Velhice: pesquisa de ideias*, 15-32. Campinas (SP): Alínea.
- Jorge, M.M. (2005). Perdas e ganhos no envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, 11(17), 47-61.
- Magalhães, D.N. (1989). *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Papagaio.
- Magro, V.M. (2003). Espelho em Negativo: a idade do outro e a identidade etária. In: Gusmão, N.M. *Infância e Velhice: pesquisa de ideias*, 33-46. Campinas (SP): Alínea.
- Melo, C.K., Antunes, P.C. & Schneider, M.D. (2005). Desenferrujando as dobradiças: as práticas corporais na maturidade. In: Silva, A.M. & Damiani, I.R. *Práticas Corporais: trilhando e (compar)trilhando as ações em Educação Física*, 107-128. Florianópolis (SC): Nauemblu Ciência e Arte.
- Moreira, V. & Nogueira, F. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19(1), 59-79.

- Oliveira, M.K. (2004). Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 211-229.
- Sant'Anna, D. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo (SP): Estação Liberdade.
- _____. (2000). As infinitas descobertas do corpo. Campinas (SP): *Cadernos Pagu*, 14, 235-249.
- Santos, F.C. & Damico, J.G.S. (2009). O mal-estar na velhice como construção social. *Revista Pensar a Prática*, 12(1), 01-09.
- Silva, A.M. (2001). *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas (SP): Autores Associados.
- Soares, C.L. (Org.) (2004). *Corpo e História*. Campinas (SP): Autores Associados.
- Sousa, F. (2008). O que é “ser adulto”? As práticas e representações sociais – A Sociologia do Adulto. *VI Congresso Português de Sociologia*. Lisboa (Portugal).
- _____. (2004). O que é “ser adulto”? As velhas e novas representações sociais sobre o que é ser adulto. *V Congresso Português de Sociologia*. Braga (Portugal).
- Souza, S.J. (1997). Re-significando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: Kramer, S. & Leite, M. *Infância: fios e desafios de pesquisa*. São Paulo (SP): Papirus.
- Trindade, E. (2002). *Hermenêutica do existir do homem de meia-idade - paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger*. Tese de doutorado. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- Veiga-Neto, A. (2000). As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades... In: Azevedo, J.C. et al. (Orgs). *Utopia e democracia na educação cidadã*, 215-234. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS/Secretaria Municipal da Educação.
- VEJA, Revista. (2001, jan.). *De Cara Nova*: com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica. São Paulo (SP): Editora Abril (edição 1683, ano 34, n.º 2).
- VEJA, Revista. (2009, jul.). *A Geração Sem Idade*. São Paulo (SP): Editora Abril (edição 2121, ano 42, n.º 28).

Recebido em 11/08/2013

Aceito em 11/09/2013

Priscilla de Cesaro Antunes - Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: pri2602@hotmail.com

Ana Márcia Silva - Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: amarciasi@gmail.com